


# *Spolia Aegypti*: autores clássicos e o estudo da língua grega em colégios jesuítas portugueses no século XVI

MARIA LUÍSA RESENDE



Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal

 <https://orcid.org/0000-0003-2147-0864>  
marialuisaresende@ucp.pt

**Resumo:** Muito embora a emergência da Companhia de Jesus no século XVI tenha provocado significativas alterações no ensino em Portugal, permitiu, ainda assim, uma forma de continuidade no estudo da língua grega, na medida em que privilegiava o recurso a autores clássicos. Tomando como ponto de partida os vários documentos da Companhia sobre o ensino de Grego e os instrumentos elaborados para esse fim – nomeadamente a coletânea *Aliquot Opuscula Graeca* publicada em Coimbra em 1583 –, este estudo tem como objetivo identificar que obras gregas eram lidas nos colégios jesuítas em Portugal e de que modo terão sido adaptadas ao sistema pedagógico jesuíta.

**Palavras-chave:** Grego, Ensino, *Aliquot opuscula graeca*, Companhia de Jesus, Século XVI.

## ***Spolia Aegypti*: classical authors and the study of Greek language in Portuguese Jesuit colleges in the 16th century**

**Abstract:** Although the emergence of the Society of Jesus in the 16th century caused significant changes in the teaching in Portugal, it still allowed a form of continuity in the study of the Greek language, as it privileged the use of classical authors. Taking as a starting point several documents of the Society about the teaching of the Greek language and the instruments elaborated for that purpose – namely the collection *Aliquot Opuscula Graeca* published in Coimbra in 1583 –, this study aims at identifying which Greek works were read in the Jesuit colleges in Portugal and how they were adapted to the Jesuit pedagogical system.

**Keywords:** Greek, Teaching, *Aliquot opuscula graeca*, Society of Jesus, 16th century.

*Nas obras literárias de autores pagãos não se leiam passagens imorais.  
O resto pode a Companhia utilizá-lo como despojos do Egipto<sup>1</sup>.*

A subtil alusão ao ouro e prata levados do Egipto como recompensa dos anos de escravidão dos israelitas<sup>2</sup> adquire neste passo das *Constituições* um valor inestimável para compreendermos o uso de textos clássicos gregos e latinos nos colégios da Companhia de Jesus.

Na verdade, o recurso a este motivo para – à semelhança dos despojos usados na construção do Tabernáculo<sup>3</sup> – legitimar a adaptação da sabedoria pagã ao pensamento cristão conheceu, desde Orígenes, uma importante disseminação na literatura patrística e medieval, nomeadamente na obra Santo Agostinho, Cassiodoro ou Isidoro de Sevilha, tendo sido não raras vezes associado ao tema da *mulier captiva*, inspirado em Dt. 21, 10-13<sup>4</sup>.

Assim, a evocação desta passagem bíblica, com toda a dimensão simbólica conferida por séculos de tradição, situa-nos perante uma abordagem de certo modo utilitária dos textos clássicos, pois, muito embora a proposta pedagógica jesuíta assentasse numa transformação do programa escolástico medieval – sobretudo devido à importância dada ao estudo das Humanidades e da Retórica – e assumisse de modo inegável o seu débito para com as inovações filológicas humanísticas<sup>5</sup>, privilegiava, todavia, um tipo de ensino marcado pela sistematização do acesso aos autores antigos, na medida em que estabelecia que textos deveriam ser usados nas aulas, promovendo inclusivamente a sua expurgação e a publicação de materiais próprios.

- 
- 1 Cf. LOIOLA, Santo Inácio de – *Constituições da Companhia de Jesus*. Tradução e notas de Joaquim Mendes Abranches. Lisboa, 1975, p. 138. Cf. LUKÁCS, Ladislaus, ed. – *Monumenta Paedagogica Societatis Iesu*. Vol. 1. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1965. p. 223: *In libris ethnicis litterarum humaniorum nihil, quod honestati repugnet, praelegatur. Reliquis, ut spoliis Aegypti, Societas uti poterit.*
  - 2 Ex 3, 21-22. Para um resumo de diferentes interpretações desta passagem, ver, e.g., FRIZZEL, Lawrence – “Spoils from Egypt”, between Jews and Gnostics. IN HELLEMAN, Wendy, ed. – *Hellenization revisited*. California: University Press of America, 1994, p. 384-391.
  - 3 Ex 3, 25-40. Cf. FRIZZEL – “Spoils from Egypt”, p. 385.
  - 4 Cf. FRIZZEL – “Spoils from Egypt”, p. 388-390. Sobre a difusão deste tópico desde os primórdios da literatura cristã até ao século XVII, ver FOLLIET, Georges – La “Spoliatio Aegyptiorum” (Exode 3:21-23M 11:2-3; 12: 35-36). Les interprétations de cette image chez les pères et autre écrivains ecclésiastique. *Traditio*. 57 (2002) 1-48.
  - 5 PABLO, Esther Jiménez – Jesuitas y educación: origen y claves de su éxito (siglo XVI). *Historia Social*. 103 (2022) 158-164; MIRANDA, Margarida – A *ratio studiorum* e o desenvolvimento de uma cultura escolar na Europa Moderna. *Humanitas*. 63 (2011) 477-487; MIRANDA, Margarida – A *ratio studiorum* e os Estudos Humanísticos III: Latim Culto e Latim Bárbaro. *Boletim de Estudos Clássicos*. 45 (2006) 106; GOMES, Joaquim Ferreira – O “Modus Parisiensis” como matriz da pedagogia dos jesuítas. *Revista Portuguesa de Filosofia*. 50: 1-3 (1994) 179-196. Sobre a herança humanística do ensino jesuítico do Colégio das Artes, ver principalmente PINHO, Sebastião Tavares de – *Humanismo em Portugal. Estudos II*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006, p. 318-322.

Além disso, e uma vez que a finalidade da Companhia residia essencialmente na formação espiritual do homem cristão<sup>6</sup> e não propriamente no conhecimento científico da Antiguidade Clássica, o estudo de grego e hebraico encontrava-se bastante vinculado à defesa da ortodoxia católica. Como afirma López Rueda, a consciência de que a disputa com autores protestantes se travava no âmbito da interpretação da Sagrada Escritura tornava evidente a relevância do conhecimento destas línguas<sup>7</sup>, uma perspetiva, aliás, patente nas *Constituições*, que estabeleciam que um dos objetivos era «defender a tradução aprovada pela Igreja»<sup>8</sup>.

A visão do grego e do hebraico como instrumentos ao serviço dos valores de Trento e da tradução atribuída a São Jerónimo encontra-se inclusivamente em escritos de Jerónimo Nadal e de Inácio de Loiola<sup>9</sup>, bem como na *Ratio Studiorum*, que explicita que o Professor de Sagrada Escritura deveria citar brevemente excertos das versões grega ou hebraica, procurando harmonizá-los com a Vulgata<sup>10</sup>.

6 Cf. *Regulae Praepositi Provincialis*. In LUKÁCS, Ladislaus, ed. – *Monumenta Paedagogica Societatis Iesu*. Vol. 5. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1986, p. 231: *Cum ex primariis Societatis nostrae ministeriis unum sit, omnes disciplinas instituto nostro congruentes ita proximis tradere, ut inde ad Conditoris ac Redemptoris nostri cognitionem atque amorem excitentur, omni studio curandum sibi putet praepositus provincialis, ut tam multiplici scholarum nostrarum labori fructus, quem gratia nostrae vocationis exigit, abunde respondeat*. Tradução de Miranda in *Código Pedagógico dos Jesuítas. Ratio Studiorum da Companhia de Jesus. Regime escolar e curriculum de estudos*. Edição bilingue latim-português. Introdução, versão portuguesa e notas de Margarida Miranda. Lisboa: Esfera do Caos, 2009, p. 58: «Tendo em conta que um dos ministérios mais importante da Companhia é transmitir ao nosso próximo todos os ensinamentos que são próprios do nosso instituto, para que todos sejam movidos ao conhecimento e amor de nosso Criador e Redentor, o prepósito provincial considerará seu dever cuidar com todo o empenho de que os frutos exigidos pela graça da nossa vocação correspondam em abundância à diversidade de trabalho das nossas escolas». Sobre esta questão, ver MIRANDA – *A ratio studiorum* e o desenvolvimento de uma cultura escolar, p. 474-477.

7 Cf. LÓPEZ RUEDA – *Helenistas españoles del Siglo XVI*. Madrid: Instituto «Antonio de Nebrija», 1973, p. 269-270: «[...] Ignacio se daba cuenta de que para defenderse de los ataques protestantes, los católicos debían adquirir un bagaje intelectual a la altura de sus enemigos. Los seguidores de Lutero y Calvino estudiaban griego y hebreo, discutían los textos de la Sagrada Escritura, profundizaban en el análisis de los Santos Padres y consultaban las actas de los antiguos concilios. Conscientes de esta situación, Ignacio y los suyos decidieron emprender la defensa del Catolicismo en el terreno de los disidentes, es decir, en el de la ciencia, para lo cual era imprescindible que los miembros de la Compañía dominaran la cultura de la época. No había más remedio que estudiar griego y hebreo, si se quería discutir con los protestantes». Sobre este assunto, ver também O'MALLEY, John W. – *The first jesuits*. Cambridge, Massachussetts, London: Harvard University Press, p. 272-283.

8 LOIOLA – *Constituições*, p. 140: «As línguas, em que foi escrita ou traduzida a Escritura, estudar-se-ão antes ou depois, segundo a variedade das circunstâncias e a diversidade das pessoas, como o Superior achar melhor. Este ponto, portanto, ficará à sua discrição. Na aprendizagem das línguas, um dos fins em vista é defender a tradução aprovada pela Igreja». Cf. LUKÁCS – *Monumenta Paedagogica*, vol. 1, p. 233: *Linguae vero illae in quibus scriptae vel versae fuerunt, prius aut posterius, ut Superiori pro varietate causarum occurrentium ac diversitate personarum videbitur, disci poterunt. Itaque hoc eius prudentiae relinquetur. Sed, si linguarum studio nostri vacant, inter cetera ad quae discentium intentio feratur, illud sit ut versionem ab Ecclesia approbatam defendant*.

9 Cf. O'MALLEY – *The first jesuits*, p. 257-258.

10 Cf. *Regulae Professoris Sacrae Scripturae*. In LUKÁCS, Ladislaus, ed. – *Monumenta Paedagogica*, vol. 5, p. 383: *Ex hebraeis graecisque exemplaribus, quod usui fuerit, in eam rem proferat; breviter tamen; nec, nisi cum vel ipsorum latinaeque editionis vulgatae aliqua diversitas conciliationis indiget, vel aliarum linguarum idiotismi ad maiorem conferunt sive perspicuitatem sive significationem*. Tradução de Miranda in *Código Pedagógico dos Jesuítas*, p. 110: «Dos originais gregos e hebraicos, o professor citará aquilo que for mais útil para o entendimento de determinado passo. Mas faça-o com brevidade, e só no caso de existir entre os originais e a edição latina da Vulgata alguma divergência que exija uma conciliação, ou ainda no caso de as expressões idiomáticas das diversas línguas contribuírem para a maior clareza e compreensão [do texto].» Cf. LÓPEZ RUEDA – *Helenistas españoles*, p. 270-271. De acordo com López Rueda, a insistência da versão de 1586 da *Ratio* na

No seguimento da tradição pedagógica humanística, os documentos jesuítas deste período mostram, em geral, uma clara preferência pelo uso de textos clássicos nas aulas: entre os autores gregos, a *Ratio Studiorum* contempla Demóstenes, Platão, Hesíodo e ainda São Gregório de Nazianzo, São Basílio e São João Crisóstomo, excluindo escritores que não fossem “antigos e clássicos”<sup>11</sup>; Jerónimo Nadal elege, no seu *De studii generalis dispositione et ordine*, Homero, Esopo, Isócrates e os *Diálogos* de Luciano<sup>12</sup>; no capítulo VI do *De ratione liberorum instituendorum litteris Graecis et Latinis* – um importante testemunho do ensino jesuítico nos seus primórdios em Portugal, onde Perpilhão lecionou, entre 1555 e 1561<sup>13</sup> –, são elencados Xenofonte, Demóstenes e Homero<sup>14</sup>. À semelhança da *Ratio*, também Perpilhão recusa, nesta

---

crítica textual bíblica e na importância das línguas originais terá inclusivamente levado à abertura de um processo pela Inquisição espanhola (cf. LÓPEZ RUEDA – *Helenistas españoles*, p. 272-273).

- 11 Cf. *Regulae Professoris Rhetoricae*. In LUKÁCS, Ladislaus, ed. – *Monumenta Paedagogica*, vol. 5, p. 427: *Graeca praelectio, sive oratorum sive historicorum sive poetarum, non nisi antiquorum sit et classicorum, Demosthenis, Platonis, Thucydidis, Homeris, Hesiodi, Pindari et aliorum huiusmodi (modo sint expurgati); inter quos iure optimo SS. Nazianzenus, Basilius et Chrysostomus reponendi*. Tradução de Miranda in *Código Pedagógico dos Jesuítas*, p. 206: «A preleção de grego, seja ela de oradores, de historiadores ou de poetas, **deve ser feita exclusivamente a partir de autores antigos e clássicos**: Demóstenes, Platão, Tucídides, Homero, Hesíodo, Píndaro e outros do género, desde que sejam expurgados. Entre estes deve-se incluir com toda a justiça São Gregório de Nazianzo, São Basílio e São [João] Crisóstomo» [destaque nosso]. Vejam-se também as regras para o Professor de Humanidades (*Regulae Professoris Humanitatis*). In LUKÁCS, Ladislaus, ed. – *Monumenta Paedagogica*, vol. 5, p. 432: *Graeca praelectione alternis diebus grammatica et auctor explanabitur [...]. Auctor vero primo semestri solutae orationis sumetur ex facillioribus, ut aliquae orationes Isocratis et sanctorum Chrysostomi et Basilii, ut ex epistolis Platonis et Synesii, ut aliquid selectum ex Plutarcho; altero semestri carmen aliquod explicabitur, exempli gratia ex Phocylide, Theognide, sancto Gregorio Nazianzeno, Synesio, et horum similibus*. Tradução de Miranda in *Código Pedagógico dos Jesuítas*, p. 217: “Na lição de grego dar-se-á, em dias alternados, a gramática e um autor [...]. Quanto ao autor, escolha-se, no primeiro semestre, algum autor em prosa, de entre os mais fáceis, como algumas orações de Isócrates, de São João Crisóstomo e de São Basílio, ou alguma carta de Platão e de Sinésio, ou algum trecho escolhido de Plutarco. No segundo semestre, dar-se-á algum poema, por exemplo de Focílides, Teógnis, São Gregório de Nazianzo, Sinésio e outros autores semelhantes.”
- 12 Cf. NADAL, P. Hieronymus – *De studii generalis dispositione et ordine* (1552). In LUKÁCS, Ladislaus, ed. – *Monumenta Paedagogica*, vol. 1, p. 141-142: *Duabus classibus humanitatis ac rethorices adiunguntur litterae graecae, in hanc rationem, ut in classe humanitatis primum dimidia hora detur explicandae grammaticae graecae citra dialectos, atque interpretabitur simul, statim post cognitionem primam verborum baritonorum, libellus aliquis, ut fabulae Esopi, tum aliqua oratio Isocratis, dialogus aliquis Luciani, et exercebitur grammaticae. Praeter haec nil primo anno ipsis legetur graecae. At quandoquidem in ea classe biennium saltem scholastici sunt retinendi, secundo anno unam horam audient graecae, ubi iam et dialectos audire, et difficiliore auctores, ut Aristophanem, Homerum et alios dialogos Luciani*. Cf. LÓPEZ RUEDA – *Helenistas españoles*, p. 274-275.
- 13 Cf. NASCIMENTO, Aires A. – *Laudes studiorum*: o humanismo jesuítico dos primórdios. In PINHO, Sebastião Tavares de; FERREIRA, Luísa de Nazaré, org. – *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra – Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)*. Tomo I. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2000, p. 51-59; TOIPA, Helena – *A ratio studiorum do Colégio das Artes, nos primeiros anos em que esteve sob orientação da Companhia de Jesus (1555-1561)*. *Didaskalia*. 33 (2003) 650; TOIPA, Helena – *O percurso de Pedro João Perpilhão, em Portugal*. *Humanitas*. 63 (2011) 405-425.
- 14 PERPINYÀ, P. Petrus Ioannes – *De ratione liberorum instituendorum litteris Graecis et Latinis*, Caput IV. In LUKÁCS, Ladislaus, ed. – *Monumenta Paedagogica Societatis Iesu*. Vol. 2. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1974, p. 651. Cf. NASCIMENTO – *Laudes studiorum*, p. 56-57.
- TOIPA, Helena – *De ratione liberorum instituendorum litteris Graecis et Latinis* de Pedro Perpilhão: na génese da *ratio studiorum* da Companhia de Jesus. IN SOARES, Nair; TEIXEIRA, Cláudia, coord. – *Legado clássico no Renascimento e sua recepção: contributos para a renovação do espaço cultural europeu*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, p. 363.

carta, a leitura de autores recentes, possivelmente para evitar que os alunos tivessem contacto com obras suspeitas<sup>15</sup>.

A preocupação com a ortodoxia é, de facto, constante nos documentos da Companhia, que prescreviam uma escolha cuidadosa das obras contempladas nos ciclos de estudos e, até, a sua expurgação, de forma a evitar a presença de passagens imorais, como mostram, por exemplo, o comentário de Jerónimo Nadal ao passo das *Constituições* citado em epígrafe<sup>16</sup> ou as Regras ao Provincial expostas na *Ratio Studiorum*:

«Considere o provincial ser da maior importância e ponha todo o seu cuidado em fazer com que sejam totalmente suprimidos das nossas escolas os livros de poetas (ou de qualquer outro autor) que possam ferir a honestidade e os bons costumes, a não ser que eles sejam previamente expurgados de conteúdos ou de palavras desonestas»<sup>17</sup>.

Neste sentido, e ainda que o recurso a edições humanísticas seja comprovado por catálogos de livrarias jesuítas ou pelos vários exemplares preservados em bibliotecas portuguesas que ostentam marcas de posse da Companhia<sup>18</sup>, a necessidade de seleccionar os autores de acordo com os princípios morais vigentes, aliada à exigência de adequar os textos ao nível de aprendizagem de cada classe, terá motivado a preparação de materiais para o ensino.

No caso dos autores latinos, estes instrumentos pedagógicos já se encontram relativamente bem estudados<sup>19</sup>; comparativamente, o panorama da língua grega afigura-se um pouco mais obscuro, sendo ainda bastante limitada a investigação sobre os materiais usados no século XVI, nomeadamente edições de textos gregos,

15 Cf. PERPINYÀ – *De ratione*, p. 650: *Scriptores novi et recentes omnino reiiciantur. Antiqui tantum, ac ne hi quidem omnes, sed optimi quique pueris exponantur. Quamquam eorum etiam qui elegantia praestant, delectus quidam habendus sit, et omnium verborum tum rerum obscenitas removenda.* Cf. TOIPA – *De ratione*, p. 360-361.

16 Cf., NADAL, Jerónimo – *Scholia in Constitutiones et Declarationes S. P. Ignatii*. Etruria: ex Typographia Giachetti, 1883, p. 328: *Quod honestati repugnet – Ita erit necessum, ut multi libri ethnicorum expurgentur, ut enarrari possint et usurpari.*

17 *Código Pedagógico dos Jesuítas*, p. 76-77. Cf. *Regulae Praepositi Provincialis*. In LUKÁCS, Ladislaus, ed. – *Monumenta Paedagogica*, vol. 5, p. 364: *Omni vigilantia caveat, maximi momenti id esse ducendo, ut omnino in scholis nostris absteineatur a libris poetarum, aut quibuscunque, qui honestati bonisque moribus nocere queant, nisi prius a rebus et verbis inhonestis purgati sint.*

18 Cf., e.g., os catálogos da Casa Professa de São Roque de Lisboa, da Companhia de Jesus, que contêm quatro exemplares da obra de Luciano: *Catalogus Authorum, qui sunt in D. Rochi Bibliotheca*, fl. 41r (BNP COD. 7393; Disponível em: <http://purl.pt/27229/3/#/4>) e *Catálogo da Biblioteca de S. Roque*, fl. 39r (BNP COD. 7431; Disponível em: <http://purl.pt/27232/3/#/6>). Sobre as bibliotecas jesuítas antigas, ver GOMES SJ, João Pereira – *Jesuítas, ciência & cultura no Portugal Moderno. Obra selecta de Pe. João Pereira Gomes, SJ*. Lisboa: Esfera do Caos, 2012, p. 225-233. Para uma análise de edições quinhentistas de Luciano de Samósata preservadas em bibliotecas portuguesas, ver RESENDE, Maria Luísa – *A transmissão de Luciano de Samósata em Portugal no século XVI*. Lisboa: Imprensa da Universidade de Lisboa, 2023, p. 31-60.

19 Ver, e.g., DOMINGUES, Agostinho de Jesus – *Os clássicos latinos nas antologias escolares dos jesuítas nos primeiros ciclos de estudos pós-elementares no século XVI em Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002 [dissertação de Doutoramento]. Cf. NASCIMENTO, Aires A. – *Laudes studiorum: o humanismo jesuítico dos primórdios*. In PINHO, Sebastião Tavares de; FERREIRA, Luísa de Nazaré, org. – *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra – Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)*. Tomo I. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2000, p. 59-60.

G RÆCORVM LITERÆ

|     |         |          |            |
|-----|---------|----------|------------|
| A α | άλφα    | Alfa.    | a.         |
| B β | βήτα    | Vita.    | b.         |
| Γ γ | γάμμα   | Gamma.   | g.         |
| Δ δ | δέλτα   | Delta.   | d.         |
| Ε ε | έψιλόν  | Epsilon. | e.         |
| Ζ ζ | ζήτα    | Zita.    | z.         |
| Η η | ήτα     | Ita.     | i, longum. |
| Θ θ | θήτα    | Thita.   | th.        |
| Ι ι | ιώτα    | Iota.    | i, breue.  |
| Κ κ | κάππα   | Cappa.   | c.         |
| Λ λ | λάμβδα  | Lambda.  | l.         |
| Μ μ | μύ      | My.      | m.         |
| Ν ν | νύ      | Ny.      | n.         |
| Ξ ξ | ξή      | Xi.      | x.         |
| Ο ο | ὀμικρόν | Omicron. | o, paruum. |
| Ρ ρ | ρή      | Ri.      | r.         |
| Σ σ | σήμε    | Sigma.   | s.         |
| Τ τ | τάυ     | Tau.     | t.         |
| Υ υ | ύψιλόν  | Ypsilon. | y, tenue.  |
| Φ φ | φί      | Phi.     | ph.        |
| Χ χ | χί      | Chi.     | ch.        |
| Ψ ψ | ψή      | Psi.     | ps.        |
| Ω ω | ὦμέγα   | Omega.   | o, magnu.  |

*Vocalium diuisio.*

Vocales. } Longæ α, ω. Breues ε, ο.  
 Ancipites α, ι, υ, quæ & cōmu-  
 nes dicuntur, quòd modò sint  
 longæ, modò breues.

Figura 1 – *Sylvæ Variorum Autorum, qui inferioribus classibus idonei sunt. Tomus Secundus.* Olyssipone: Excudebat Antonius Riberius Typ., 1588, fl. 211v (BNP, RES. 3070//2 P).

dicionários e gramáticas<sup>20</sup>. A análise dos instrumentos publicados pela Companhia de Jesus em Portugal é, assim, essencial para percebermos que textos e autores eram estudados nas aulas de grego, de que modo se fazia a sua seleção e se se coadunava com os princípios expostos nas *Constituições*, na *Ratio Studiorum* e nos escritos de Inácio de Loiola, Jerónimo Nadal e Pedro Perpinhão.

\*

No século XVI, foram elaboradas, para o ensino da língua grega, duas edições jesuítas da gramática de Nicolau Clenardo, datadas de 1594 e de 1595, e uma antologia de textos gregos, publicada em 1583.

Além destes instrumentos, as últimas páginas do segundo tomo das *Sylvæ Illustrum Autorum*, uma coletânea de textos de autores latinos publicada pela

20 Sobre o estudo da língua grega em Portugal no século XVI, ver BOAVENTURA, Frei Fortunato de – Do começo, progressos, e decadencia da Literatura Grega em Portugal desde o estabelecimento da Monarquia até o reinado do Senhor D. José I. In *Historia e Memórias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tomo VIII, Parte I. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1823, p. 1-37, PINHO – *Humanismo em Portugal*, p. 297-322 e RESENDE – *A transmissão de Luciano*, p. 11-19. Relativamente à língua grega no plano de estudos dos colégios da Companhia de Jesus, ver essencialmente LÓPEZ RUEDA – *Helenistas españoles*, p. 276-279.

Companhia em 1588<sup>21</sup>, contém um alfabeto grego com as letras correspondentes latinas e duas orações em grego (*Oratio Dominica Graece* e *Salutatio Angeli ad sanctissimam Virginem Graece*)<sup>22</sup>, que parecem ser um testemunho do estudo complementar das duas línguas que se sabe ter existido nos colégios da Companhia<sup>23</sup>.

## Gramáticas gregas ex Clenardo

Apesar de não ostentar o nome de Clenardo, a edição *Graecae Nominum ac Verborum Inflexiones In Vsum Tyronum* publicada em Coimbra em 1594<sup>24</sup> constitui, de acordo com Morais, uma reedição das *Institutiones Linguae Graecae* do humanista belga.

Com efeito, a simplificação do método pedagógico das gramáticas anteriores contribuiu para que esta obra de Clenardo obtivesse um incrível sucesso editorial, tendo sido várias vezes reeditada em diferentes países europeus<sup>25</sup>. Como consequência, foi também amplamente usada em colégios jesuítas, como aliás comprovam não só as duas reedições feitas em Portugal no final do século XVI, mas também os *Catalogi Lectionum* de Lisboa, que especificam o uso da gramática de Clenardo nas aulas da Companhia<sup>26</sup>.

O carácter didático da edição portuguesa e a clara intencionalidade de adequar a gramática às classes de iniciação à língua grega justifica a simplificação de

21 *Sylvae illustrium autorum quid ad usum collegiorum Societatis Iesu selecti sunt. Volumen Primum*. Olyssipone: Excudebat Antonius Riberius Typ., 1588. e *Sylvae Variorum Autorum, qui inferioribus classibus idonei sunt. Tomus Secundus*. Olyssipone: Excudebat Antonius Riberius Typ., 1588. Cf. ANSELMO, A. J. – *Bibliografia das obras impressa em Portugal no século XVI*. Lisboa: Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1926, p. 285-286, n.º 982 e WILKINSON, Alexander S., – *Iberian books. Books published in Spanish or Portuguese or on the Iberian Peninsula before 1601*. Leiden, Boston: Brill, 2010, p. 709, n.º 18176. Conservam-se dois exemplares de cada tomo na BNP (RES. 3070//1 P.; RES. 3070//2 P.; RES. 3071 P.; RES. 3423 P.) [disponível em: <https://purl.pt/23215>]. Para uma breve descrição desta antologia, ver DOMINGUES – *Os clássicos latinos*, p. 9-10. Esta colectânea terá sido reimpressa em 1593 e 1594, mas sem os materiais gregos dos últimos fólios: *Sylvae illustrium autorum qui ad usum collegiorum Societatis Iesu selecti sunt. Volumen Primum*. Olyssipone: apud Simonem Lopezius, 1594 e *Sylvae variorum autorem qui inferioribus classibus idonei sunt. Tomus secundus*. Olyssipone: apud Simonem Lopezius, 1593. Conserva-se na BNP um exemplar de cada tomo (RES. 4446//1 P. e RES. 4446//2 P.) [disponível em <https://purl.pt/23258>]. Cf. ANSELMO – *Bibliografia*, p. 232, n.º 804-805.

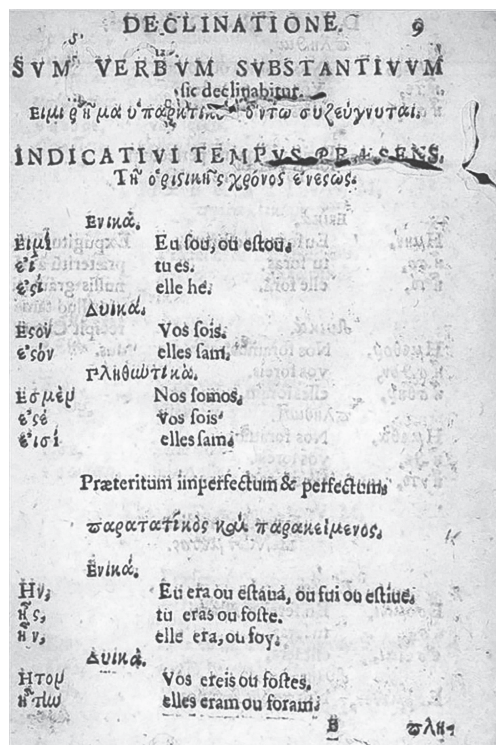
22 *Sylvae Variorum Autorum*, 1588, fl. 211v-212r. Cf. Imagem 1.

23 Cf. LÓPEZ RUEDA – *Helenistas españoles*, p. 275.

24 *Graecae Nominum ac Verborum Inflexiones In Vsum Tyronum*, Conimbricae: ex officina Antonii a Mariz Typographi Universitatis, 1594 (BNP RES. 2691 P.) Cf. ANSELMO – *Bibliografia*, p. 262, n.º 906 e WILKINSON – *Iberian Books*, p. 533, n.º 13633.

25 Sobre a difusão da gramática grega de Clenardo no século XVI, ver MORAIS, Carlos – As artes de gramática ex Clenardo para o ensino do grego em Portugal. In PEREIRA, Belmiro; VÁRZEAS, Marta, org. – *As artes de Prometeu. Estudos em homenagem a Ana Paula Quintela*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2009, p. 117-121. Cf. NAVARRO, Eduardo de Almeida – O ensino da gramática latina, grega e hebraica no Colégio das Artes de Coimbra no tempo de Anchieta. In PINHO, Sebastião Tavares de, FERREIRA, Luísa de Nazaré, org. – *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra – Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)*. Tomo I. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2000, p. 388-390.

26 *Catalogi Lectionum Collegii Olisiponensis*. In LUKÁCS, Ladislaus, ed. – *Monumenta Paedagogica Societatis Iesu*. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1974, vol. 3, p. 594-597.



**Figura 2** – *Graecae Nominum ac Verborum Inflexiones In Vsum Tyronum*, Conimbricæ: ex officina Antonii a Mariz Typographi Vniversitatis, 1594, fl. 9r (BNP RES. 2691 P).

vários elementos da obra original e a inclusão de uma tradução das formas verbais gregas para a língua portuguesa<sup>27</sup>. Nos casos morfológicos mais complexos, como por exemplo para complementar os paradigmas dos verbos em *-μι* ou a conjugação de verbos contractos, a edição de 1594 remete para as *Institutiones* de Clenardo<sup>28</sup>.

Possivelmente devido a uma tiragem que, a julgar pelos exemplares preservados<sup>29</sup>, não terá sido muito numerosa, saíram dos prelos de Simão Lopes, no ano seguinte, as *Institutiones Grammaticae ex Clenardo*,<sup>30</sup> obra que, segundo Morais, vinha «suprir algumas das lacunas ou omissões do primeiro epitome»<sup>31</sup>. Apesar das evidentes semelhanças entre as duas gramáticas, foram introduzidas algumas

27 *Graecae Nominum ac Verborum Inflexiones*, fl. 9 v. Cf. Imagem 2.

28 Ver, e.g., *Graecae Nominum ac Verborum Inflexiones*, fls. 26v-27r. Cf. MORAIS – As artes de gramática, p. 121-124.

29 Segundo Pereira, não se conservou nenhum exemplar na Biblioteca Pública Municipal do Porto, para onde foram levados vários livros do Colégio de Santa Cruz. Cf. PEREIRA, Belmiro Fernandes – No rasto do humanismo filológico europeu: edições quinhentistas de retóricas clássicas na BPMP. In ANDRADE, António; TORRÃO, João; et alii, coord. – *Humanismo, diáspora e ciência (séculos XVI e XVII): estudos, catálogo, exposição*. Porto: Biblioteca Pública e Municipal do Porto, 2013, p. 145-146.

30 *Institutiones Grammaticae ex Clenardo*. Olyssipone: ex officina Simonis Lopezij, 1595 (BGUC: 1-(23)-36). Cf. ANSELMO – *Bibliografia*, p. 234, n.º 809; WILKINSON – *Iberian books*, p. 418, n.º 10605.

31 MORAIS – As artes de gramática, p. 125.

amplificações de cariz morfológico e sintático, para evitar as frequentes remissões para a gramática de Clenardo que constavam da edição de 1594<sup>32</sup>.

Curiosamente, as *Institutiones Grammaticae ex Clenardo* não contêm as várias orações em grego acompanhadas de tradução latina que se encontravam na primeira edição, nomeadamente *Salve Regina*, *Symbolum Apostolorum* ou mesmo o Prólogo do *Evangelho de São João*, que foram, todavia, introduzidas de novo em 1608<sup>33</sup>.

## Aliquot opuscula graeca

À semelhança da primeira edição da gramática grega de Clenardo, a coletânea de textos *Aliquot opuscula graeca* publicada em Coimbra, na oficina de António de Mariz, em 1583, não aparenta ter tido uma difusão muito significativa<sup>34</sup>. Uma breve pesquisa em catálogos de bibliotecas portuguesas permitiu localizar apenas três exemplares: um na Biblioteca Nacional de Portugal<sup>35</sup> e dois na Biblioteca Pública do Arquivo Regional de Ponta Delgada<sup>36</sup>. Foi ainda encontrada uma edição na Biblioteca da Universidade Complutense de Madrid<sup>37</sup>.

O *corpus* parece corresponder às diretrizes da *Ratio Studiorum* e dos escritos de Jerónimo Nadal e de Pedro Perpinhão, uma vez que o volume é constituído, entre outras, por obras de Demóstenes, pelos *Diálogos Marinhos* de Luciano de Samósata, bem como por epigramas gregos de vários autores, com traduções latinas de Alciato, Policiano e Thomas More, entre outros, e pelas *Fábulas* de Esopo, também acompanhadas de versão latina<sup>38</sup>.

A prevalência de textos breves, adequados a diferentes níveis de ensino e, sobretudo, a inclusão da versão latina a acompanhar os epigramas gregos e as *Fábulas* de Esopo reflete o propósito pedagógico desta coletânea, claramente elaborada

32 MORAIS – As artes de gramática, p. 126.

33 Veja-se o quadro comparativo das três edições em MORAIS – As artes de gramática, p. 130. Sobre a edição de 1608, ver p. 126-129.

34 Segundo ANSELMO – *Bibliografia*, p. 255, nº 882, existem exemplares desta obra na Biblioteca Nacional de Portugal, na Biblioteca da Ajuda e em Évora; WILKINSON – *Iberian books*, p. 543, nº 13876, regista dois exemplares: um na BNP e outro na Bodleian Library, Oxford. Destes, só conseguimos identificar um na BNP: BNP RES. 2742 P.

35 *Aliquot opuscula graeca ex variis auctoribus collecta*. Conimbricae: ex officina Antonii a Mariz Universitatis Typograph., 1583. (BNP RES. 2742 P.) [disponível em <https://purl.pt/23194>].

36 Cota: JC/A AR.1 A/22 RES e JC/A AR.1 A/23 RES.

37 BH FLL 31518 [disponível em <https://patrimonioidigital.ucm.es/s/patrimonio/item/707920>]. Segundo indicação bibliográfica, este exemplar procede da Faculdade de Filologia.

38 Os *Aliquot opuscula graeca* são compostos pelas seguintes obras de Demóstenes: *Sobre a Paz* (fls. 2r-5r); *Carta de Filipe* (fls. 5r-9r); *Sobre a Coroa Trierárquica* (fl. 9r-13r); por Idílios de Teócrito: *Idílio IV* (fls. 13r-14r) e *Idílio VII* (fls. 14r-15v); *Epitáfio de Bión* (fls. 16r-18r); *Versos de Ouro*, de Pitágoras (fls. 18r-19v); pelos Hinos Homéricos a *Afrodite* (fls. 19v-20r); *Ártemis* (fl. 20r-20v); *Atena* (fls. 20v-21r); *Gaia* (fl. 21r); *Hélión* (fl. 21v); pelos seguintes *Diálogos Marinhos* de Luciano de Samósata (fls. 21v-25r): *Pânlope e Galene*; *Cíclope e Posídon*; *Menelau e Proteu*; *Posídon e os Golfinhos*; *Íris e Posídon*; *Epigrammata Graeca Veterum elegantissima*, com tradução latina (fls. 25v-32v) e *Fábulas* de Esopo (fls. 33r-40v). Cf. BOAVENTURA – Do começo, progressos, e decadência, p. 36.

com o intuito de providenciar material de apoio ao ensino da língua grega nos colégios da Companhia.

No entanto, a edição dos *Aliquot opuscula graeca* preservada na Biblioteca da Universidade Complutense de Madrid ostenta alguns sinais de expurgação. Na página de rosto lê-se, entre outras marcas posse e uma nota de pertença a um seminário, a seguinte indicação: «Corregi este libro por comission del Supremo Consejo de la Inquisicion conforme al Expurgatorio nuevo de 1632». Os autores visados, cujos nomes aparecem cortados e acompanhados da indicação *author damnatus*, são alguns dos tradutores dos epigramas gregos, nomeadamente Ottmar Luscinus, Caspar Ursinus Velius e Johannes Sleidanus<sup>39</sup>, cuja obra já se encontrava proibida pelo Índice português desde 1559. Porém, como a proibição da obra de um autor não se estendia, normalmente, às suas traduções<sup>40</sup>, não é lícito estabelecer uma relação entre a presença de autores interditos e a aparentemente limitada difusão dos *Aliquot opuscula graeca*.

\*

A existência de outros livros em grego em inventários de livrarias jesuítas e a preservação de exemplares com marca de posse da Companhia em bibliotecas atuais mostram um uso complementar de edições não exclusivamente jesuítas. Com efeito, os catálogos das livrarias de São Roque e de Santo Antão registam obras de Teócrito, Xenofonte, Ésquines, Demóstenes, Sófocles, Ésquilo e Eurípidas<sup>41</sup>. Da mesma forma, e embora indiquem sensivelmente os mesmos autores que os da coletânea, os catálogos das aulas de Coimbra, Lisboa e Évora revelam que os professores recorriam a outros textos gregos: os *Catalogi Lectionum Collegii Conimbricensis* referentes aos anos de 1562-1565 comprovam o uso dos *Diálogos* de Luciano, explicitando, por vezes, que se tratava dos *Diálogos dos Mortos*, que não se encontram nos *Aliquot opuscula*; de Demóstenes, nomeiam, além da *Oração Sobre a Paz*, as *Filípicas*; e referem também a *Iliada* de Homero<sup>42</sup>. Em Évora, há referência à leitura de obras de Isócrates e dos *Diálogos* de Luciano, mais especificamente os *Diálogos dos Mortos*<sup>43</sup>, assim como em Lisboa, onde se regista ainda a gramática grega de Clenardo<sup>44</sup>.

39 Cf. *Aliquot opuscula graeca*, BH FLL 31518, fls. 26v-32v.

40 Cf., a título de exemplo, o *Rol dos Livros Defesos* de 1561. In SÁ, Artur Moreira de – *Índices dos livros proibidos em Portugal no século XVI*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983, p. 263: “[...] chamamos aqui obras de hum author, em que elle he ho principa author, pello que has tresladações de hũa lingoa em outra, não entendemos serem obras de quem has tresladou. Por tanto se na tradução não á alguma ma ou falsa doctrina inda que ho author seja dos da 1. ordem, bastara cortar há epistola ou prologo, & apagar ho nome do interprete.”

41 GOMES – *Jesuítas, ciência & cultura*, p. 227.

42 Cf. *Catalogi Lectionum Collegii Conimbricensis*. In LUKÁCS, Ladislaus, ed. – *Monumenta Paedagogica*, vol. 3, p. 580-588.

43 Cf. *Catalogi Lectionum Collegii Eboensis*. In LUKÁCS, Ladislaus, ed. – *Monumenta Paedagogica*, vol. 3, p. 588-594.

44 Cf. *Catalogi Lectionum Collegii Olisiponensis*. In LUKÁCS, Ladislaus, ed. – *Monumenta Paedagogica*, vol. 3, p. 594-597.

Independentemente da coerência e uniformidade dos autores usados nas aulas, os registos analisados revelam que existiria alguma liberdade, pois nem todas as obras coincidem com as da coletânea elaborada pela Companhia. Por outro lado, e apesar de ausente da última versão da *Ratio Studiorum*<sup>45</sup>, nota-se uma certa prevalência dos *Diálogos* de Luciano, mais especificamente dos *Diálogos dos Mortos*, uma obra com uma larga tradição pedagógica e cujo autor era, a par de Esopo e de Xenofonte, dos mais usados na iniciação à língua grega no Ocidente<sup>46</sup>.

No entanto, a limitação da prolífica obra deste autor aos *Diálogos dos Deuses Marinhos* e aos *Diálogos dos Mortos* reduzia-o à sua vertente moralizante, encobrendo o espírito crítico que influenciara a veia satírica de diversos autores quinhentistas, entre os quais Erasmo, Thomas More ou mesmo Gil Vicente<sup>47</sup>. O exemplo de Luciano sugere assim que a cuidadosa seleção de obras no âmbito do ensino jesuíta, subordinada ao intuito de evitar a presença de passagens imorais, promovia uma visão parcial dos autores estudados, por oposição à relativa liberdade de acesso que caracterizara o período humanístico precedente.

Os dados de que dispomos são, todavia, escassos e, muito embora esta primeira análise nos permita identificar, de modo geral, que autores eram lidos nas aulas de grego – e verificar que estavam, na sua maioria, de acordo com as normas e preceitos da Companhia – é necessário complementá-la com um estudo mais aprofundado dos fundos bibliográficos jesuítas, de modo a elucidar se havia a possibilidade de acesso a outras obras que não as contempladas na coletânea publicada em 1583 e nos catálogos das aulas de Coimbra, Évora e Lisboa.

Da mesma forma, o estudo das anotações marginais preservadas nestes livros poderá fornecer novas informações sobre o interesse suscitado por estes textos, expondo assim formas de continuidade relativamente ao ensino precedente, bem como as principais inovações decorrentes da adaptação de autores pagãos ao sistema pedagógico jesuíta.

45 Na verdade, este autor estava contemplado na *Ratio* de 1586. Cf. LUKÁCS – *Monumenta Paedagogica*, vol. 5, p. 153: *In graecis autem explicantur Isocrates, Lucianus, epigrammata, Aristophanes, Theocritus*.

46 Sobre a utilização da obra de Esopo no ensino da língua grega, ver BOTLEY, P. – *Learning greek in Western Europe, 1396-1529: grammars, lexica, and classroom texts*. Philadelphia: American Philosophical Society, 2010, p. 79-80; 91- 93. Para Luciano, ver LAUVERGNAT-GAGNIÈRE, Christiane – *Lucien de Samosate et le lucianisme en France au XVIe siècle. Athéisme et polémique*. Genève: Librairie Droz, 1988, p. 25-57 e BOTLEY – *Learning greek*, p. 85-88. Cf. RESENDE – *A transmissão de Luciano para uma análise da transmissão da obra de Luciano de Samósata em Portugal no século XVI e da sua utilização no ensino da língua grega*.

47 Sobre a influência de Luciano na obra de Gil Vicente, ver principalmente ASENSIO, Eugenio – *Estudios portugueses*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian / Centro Cultural Português, 1974, p. 59-64.

